

Ao ultrapassar a meta de aumento de temperatura do acordo climático global em 2024, mundo sinaliza que está fazendo pouco para reduzir as emissões de gases de efeito estufa, dizem especialistas. Para ONU, porém, o pacto ainda pode ser cumprido

» PALOMA OLIVETO

O registro da Organização Meteorológica Mundial (OMM) e do observatório europeu Copernicus de que, em 2024, o aumento da temperatura ficou acima dos níveis pré-industriais é um alerta sobre a viabilidade do Acordo de Paris, dizem especialistas. O limite de 1,5°C, estabelecido para 2100, foi ultrapassado nos últimos 12 meses e, embora não seja uma tendência irreversível, indica que o corte de emissões de gases de efeito estufa está muito aquém do necessário para evitar um superaquecimento global.

“Um ano de clima extremo mostrou o quão perigosa é a vida a 1,5°C”, observa Friederike Otto, do Centro de Políticas Ambientais do Imperial College London, na Inglaterra. “A seca na Amazônia, as enchentes de Valência, os furacões nos Estados Unidos e os tufões nas Filipinas são apenas quatro desastres do ano passado agravados pelas mudanças climáticas. Há muitos, muitos mais”, destaca.

Otto lembra que o caminho para se alcançar o Acordo de Paris já é conhecido. Neste ano, a Conferência do Clima da Organização das Nações Unidas será em Belém, no Pará. Antes da COP29, os países precisam apresentar a revisão de suas metas, aumentando o nível de ambição. “O mundo não precisa inventar uma solução mágica para impedir que as coisas piorem em 2025. Sabemos exatamente o que precisamos fazer para deixar de usar combustíveis fósseis, interromper o desmatamento e tornar as sociedades mais resilientes às mudanças no clima que vemos tão claramente no relatório do Copernicus.”

Além do documento europeu, que detectou um aumento de 1,6°C em relação ao século 19, a OMM, agência da ONU, confirmou, ontem, que 2024 foi o mais quente já registrado desde 1860, quando as medições começaram a ser feitas. Também observou que, pela primeira vez, um ano ultrapassou a marca de 1,5°C — no caso da OMM, o cálculo foi de 1,55°C.

Incontestável

Em nota, o secretário-geral da ONU, António Guterres, afirmou que a avaliação “prova mais uma vez que o aquecimento global é um fato incontestável”. Ele

Correr para SALVAR PARIS



Cidade francesa de Guichen alagada após transbordamento do Rio Vilaine, ontem: tendência é de aumento de desastres ambientais

ressaltou, porém, que o fato de anos individuais ultrapassarem o limite estabelecido pelo Acordo de Paris não significa o fracasso da meta de longo prazo. “Significa é que precisamos lutar ainda mais para entrar no caminho certo. Ainda há tempo para evitar o pior da catástrofe climática, mas os líderes devem agir agora.”

O meteorologista Ernesto Rodríguez Camino, da Associação Meteorológica da Espanha, concorda que o Acordo de Paris ainda não foi totalmente

comprometido e lembra que, além do aquecimento causado pelo aumento contínuo das emissões de efeito estufa, 2024 foi afetado pelo fenômeno natural El Niño. “O que é realmente importante é evitar que esse número se torne uma nova norma de longo prazo. O que está sendo feito para limitar as emissões de gases de efeito estufa que causam esse aumento progressivo da temperatura é claramente insuficiente.

O aumento de temperatura em

2024 foi acompanhado na intensificação de eventos extremos. O Copernicus cita 86 tempestades tropicais, incluindo a Acará, que chegou ao Brasil em fevereiro. Dessas, 43 tornaram-se ciclones e 22 grandes ciclones. O relatório vai ao encontro de um estudo lançado no fim de dezembro pela Aliança Brasileira pela Cultura Oceânica, coordenado pela Universidade Federal de São Paulo em parceria com a Fundação Grupo Boticário. Segundo o levantamento, nos últimos quatro anos os desastres,

Três perguntas para

RONALDO CRISTOFOLETTI, cientista da Rede de Especialistas em Conservação da Natureza (RECN), presidente do Grupo de Especialistas em Cultura Oceânica da Unesco e professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

Ultrapassar a meta do Acordo de Paris em 2024 é uma tendência irreversível?

Há muito tempo, os cientistas vêm falando sobre isso. Era previsto que ocorresse a partir de 2030, mas adiantamos para 2024, o que é um sinal de alerta muito forte de como as questões climáticas estão mais aceleradas do que a ciência conseguia prever pelos dados anteriores. Estamos no momento de achar a curva climática. Ou seja, nós vamos reverter para o que era a temperatura nas décadas de 1980/90? Não, isso é muito difícil. O que temos de fazer é diminuir a taxa com que a temperatura está aumentando. Pode ser que em algum momento, 2025, 2026 ou 2027, ela volte a baixar um pouquinho, o que não significará que já está revertendo. Essas mudanças dependem de uma escala de tempo, muitas vezes de décadas.

PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro só nos últimos anos, sem contar o número de vidas perdidas. Nas últimas três décadas, mais de 90% dos municípios brasileiros sofreram algum tipo de desastre. Infelizmente, é muito difícil passar uma semana sem um desastre. Agora será chuva, deslizamento, ondas de calor. Depois, vai chegando a mais seca, as queimadas, as ressacas marinhas, a erosão costeira... Esses processos são cada vez mais frequentes.

Anfitrião da COP30, como o Brasil tem de se posicionar em relação aos dados divulgados pela Organização Meteorológica Mundial e pelo Copernicus?

Definitivamente, como anfitrião da COP e presidente do BRICS deste ano, o Brasil tem a responsabilidade de trazer a urgência de adaptação e mitigação do clima. As ações de adaptação são aquelas que vão minimizar a curto prazo os impactos dos desastres ambientais. Mas é preciso demandar fortemente acordos mais claros e metas para a mitigação, que é diminuir a emissão de gases que geram o aquecimento global. A COP30 é um marco muito grande, porque é quando as metas (de redução de emissões) dos países serão revistas, e elas têm de ser mais audaciosas. O Brasil entregou suas metas revistas na COP29, teve avanços, mas pode ser ainda mais arrojado. O Brasil tem a obrigação de cobrar isso dos demais países, dando o exemplo. (PO)

O que podemos esperar em relação a desastres ambientais?

No fim de dezembro, nós lançamos o estudo Brasil em Transformação, mostrando um aumento de mais de 250% nos desastres no país, nas últimas décadas. Em quatro anos (2020 a 2023), tivemos mais do que o dobro de desastres ambientais do que a década passada inteira. Esse aumento é porque a elevação da temperatura está acumulando: por menor se leve, o copo transborda mais. O impacto econômico disso é muito grande: estamos falando de 0,5% do

» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

Equipe Geshner Benot Ya'akov



Segunda-feira, 6 DIETAS PRÉ-HISTÓRICAS

Cientistas descobriram mais sobre os hábitos alimentares dos primeiros humanos, mudando conceitos estabelecidos sobre as dietas pré-históricas. Para o trabalho, os pesquisadores da Universidade de Bar-Ilan, em Israel, lideraram um trabalho de arqueologia às margens do Rio Jordão. Os resultados revelaram que os antigos caçadores-coletores dependiam muito de vegetais, sobretudo de plantas ricas em amido, para conseguir a energia necessária diariamente. As descobertas, publicadas na revista *Proceedings of the National Academy of Sciences*, indicam que, ao contrário do que se pensava, a dieta dos antigos hominídeos não era focada apenas em proteína animal, mas incluía grande variedade de alimentos vegetais, como cereais, leguminosas e plantas aquáticas.

Terça-feira, 7 MOSQUITOS CONTRA DOENÇAS TROPICAIS

Estudo publicado na revista *Nature Communications* mostra que mosquitos geneticamente modificados com esperma tóxico podem se tornar uma arma contra doenças tropicais. A “técnica do macho tóxico”, desenvolvida por pesquisadores australianos, tem como objetivo criar insetos cujo sêmen contenha proteínas venenosas que são mortais para as fêmeas após a cópula — são elas que picam e sugam o sangue, espalhando assim doenças como a malária e a dengue. O cientista Sam Beach, da Macquarie University, disse que o método “poderia funcionar tão rapidamente quanto os pesticidas, sem prejudicar as espécies benéficas”. Os primeiros testes usaram moscas-das-frutas, uma espécie comumente usada em laboratórios devido à sua curta vida útil de duas semanas.

SINAIS DE RECUPERAÇÃO

Cientistas verificaram que a extensão do gelo marinho da Antártica se recuperou em dezembro do ano passado após um longo período de baixas recordes. A constatação dá uma pausa nas especulações de que o continente gelado da Terra pode estar passando por mudanças permanentes. A taxa de perda de gelo marinho durante os meses mais quentes da primavera, novembro e dezembro, diminuiu para níveis bem abaixo da média, de acordo com os dados do Centro Nacional de Dados sobre Neve e Gelo dos EUA (NSIDC). “Isso ilustra claramente a alta variabilidade da extensão do gelo marinho antártico”, assinalou o NSIDC em um comunicado. “A recente desaceleração na perda de extensão em dezembro dá um certo alívio a essa ideia”, acrescentou a nota, advertindo, de qualquer forma, que uma recuperação de um mês não foi suficiente para contradizer completamente a teoria.

Quarta-feira, 8 FAUNA DE ÁGUA DOCE AMEAÇADA

Um quarto da fauna de água doce — incluindo crustáceos, peixes e insetos — enfrenta um “alto risco de extinção” devido a “pressões consideráveis” como poluição, barragens ou agricultura intensiva que afetam o seu habitat, de acordo com um estudo publicado na revista *Nature*. Embora representem menos de 1% da superfície da Terra, as águas doces abrigam mais de 10% das espécies conhecidas, incluindo aproximadamente um terço dos vertebrados e metade dos peixes. Essa biodiversidade é ao mesmo tempo muito rica e muito frágil, e constitui um recurso essencial para “bilhões de pessoas em todo o mundo”, além de ser um fator de mitigação dos efeitos da mudança climática, destacam os autores da pesquisa. Das 23.496 espécies estudadas, a ameaça é particularmente grave para os decápodes (camarões, lagostins, caranguejos, entre outros), dos quais 30% estão em risco de extinção.

Quinta-feira, 9 TESOURO ASSÍRIO RENOVADO

Uma década depois que combatentes jihadistas saquearam as ruínas de Nimrud, no Iraque, arqueólogos lutam para reconstituir seus tesouros antigos, agora convertidos em milhares de fragmentos. O sítio arqueológico, joia da coroa do antigo império assírio, foi arrasado pelos combatentes do Estado Islâmico (EI) depois que eles tomaram grande parte do Iraque e da vizinha Síria, em 2014. As preciosas obras pré-islâmicas destruídas pelos jihadistas estão em pedaços, mas os arqueólogos não temem a tarefa colossal de remontá-las. Mais de 500 peças foram encontradas despedaçadas na área, a cerca de 30km de Mosul, cidade do norte do Iraque onde o EI estabeleceu a capital de seu autoproclamado “califado”. Uma escavação minuciosa feita por arqueólogos iraquianos recuperou mais de 35 mil fragmentos.

